

UNESPAR/FAP - Curitiba/PR  
ISSN 2317-8930

**A REPRESENTAÇÃO DA CRIANÇA EM *O MEU PÉ DE LARANJA LIMA* DE JOSÉ MAURO DE VASCONCELOS NO CINEMA: VISÕES DIVERGENTES DE UMA MESMA OBRA**

SOUZA, Rita de Cássia Alves de<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho faz um estudo comparativo entre as adaptações fílmicas do romance *O meu pé de laranja lima*, de José Mauro de Vasconcelos (1968), lançadas nos anos de 1970 (dirigido por Aurélio Teixeira) e 2012 (Marcos Bernstein), verificando como foram articuladas essas aproximações. A pesquisa perpassa os temas da adaptação, intertextualidade e ainda sob a ótica das teorias do cinema, investiga como é construída a representação da criança no corpus estudado, apontando os signos passíveis de serem analisados nas suas representações cinematográficas revelando como a criação literária foi representada pelas criações imagéticas, de acordo com os contextos históricos de seus lançamentos. Para tanto, a fundamentação teórica se apoia especialmente nos conceitos de Carl Jung e Joseph Campbell na determinação do arquétipo de Herói, e, mais precisamente de Carl Jung e Karl Kerényi na caracterização do arquétipo de Criança-herói e Criança-Divina, seguidos pelos referenciais teóricos e metodológicos mobilizados na pesquisa.

**PALAVAS-CHAVE:** Cinema Brasileiro, Representação, Cinema infanto-juvenil.

**INTRODUÇÃO:**

O presente trabalho é um pequeno recorte da minha tese de doutorado, na qual trato da representação da criança na literatura e no cinema, utilizando como objeto de estudo o livro *O meu pé de laranja lima*, de autoria de José Mauro de Vasconcelos lançado em 1968 e as duas adaptações fílmicas da obra, a primeira lançada em 1970 e a segunda em 2012 respectivamente. O recorte aqui escolhido analisa comparativamente as versões audiovisuais, no sentido de determinar a ligação entre os filmes e os conceitos teóricos de Carl Jung e Karl Kerényi, os quais estabelecem o arquétipo da

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná. Mestre em Teoria Literária pela Uniandrade. Email: Rita@ufpr.br.

UNESPAR/FAP - Curitiba/PR  
ISSN 2317-8930

“Criança-herói” / “Criança-divina, complementados pelos conceitos de Joseph Campbell na determinação do arquétipo de Herói. A escolha foi pensada com o intuito de refletir sobre o tema da representação da criança no cinema, partindo inicialmente da preocupação de compreender esse olhar sobre a infância e como são observadas tais representações no cenário da obra da atualidade em comparação com a obra lançada na década de 1970.

### **O arquétipo da Criança-Sagrada/Criança-herói**

Jung (2011), ao teorizar sobre o arquétipo da Criança Sagrada, postula que esse mito é recorrente na tradição religiosa ou mitológica de diversas culturas ao longo da história, identificando algumas características em comum que ajudam a homogeneizar o conceito. Segundo o filósofo, são expressões divergentes de um mesmo princípio arquetípico, que corresponde a necessidade humana de “evolução espiritual”. Para ele, a criança divina diz respeito “ao eixo central que, tendo uma origem narcísica, permite a coesão do self. Trata-se de uma representação do ‘sopro divino’, de uma integração com a natureza, de um saber direto, intuitivo” (JUNG, 2011, p.100). Desse modo a criança divina já surge completa a medida que nada lhe falta.

Para Jung (2011), os arquétipos sempre foram e são forças da vida anímica (relativo à alma ou ao psíquico), “que querem ser levados a sério e cuidam de ‘valorizar-se da forma mais estranha’. Sempre foram portadores de proteção e salvação, e sua violação tem como consequência ‘os perigos da alma’”. São a manifestação dos sentimentos mais profundos do inconsciente, e geralmente revelam nossos pensamentos mais íntimos. Para ele, “A espontaneidade do ato de pensar não está causalmente em sua consciência, mas em seu inconsciente” (JUNG, 2011, p. 113).

O arquétipo da “criança divina” está disseminado e amalgamado a todos os outros aspectos mitológicos que se referem à criança. Jung (2011), argumenta que as primeiras ‘manifestações da criança’, são realizadas de forma inconsciente, ao passo

que no caso das histórias mitológicas, a criança é geralmente considerada uma manifestação do divino, ou seja a representação do ‘bem’ na luta contra o ‘mal’. Assim, essa criança especial que se reveste de divindade pode ser reconhecida por meio das características que a identificam, “A criança ora tem o aspecto da divindade criança, ora o do herói juvenil. Ambos os tipos têm em comum o nascimento miraculoso e as adversidades da primeira infância, como o abandono e o perigo da perseguição” (JUNG, 2011, p.129). Dessa forma, a criança enjeitada, “seu abandono e o risco a que está sujeita são aspectos que configuram o início insignificante de um lado e o nascimento miraculoso de outro” (p.131).

A criança-herói é sempre o protagonista da história, e tem que cumprir sua jornada em busca do autoconhecimento, ao mesmo tempo que transforma a vida das personagens circundantes. Também para Joseph Campbell (2007), a tarefa do herói, a ser empreendida hoje, não é a mesma do século de Galileu “Onde então havia trevas, hoje há luz; mas é igualmente verdadeiro que, onde havia luz, hoje há trevas. A moderna tarefa do herói deve configurar-se como uma busca destinada a trazer outra vez à luz a Atlântida perdida da alma coordenada” (CAMPBELL, 2007, p. 373).

As características elencadas por Jung, Kerényi e Campbell para determinação da criança-herói/ divina, podem ser observadas na personagem Zezé, tanto na narrativa literária quanto na versão cinematográfica de 1970, ao passo que o personagem de 2012 apresenta-se como criança vitimizada pela violência familiar e social.

### **A identificação da personagem Zezé como a criança-herói na adaptação fílmica de 1970**

O livro *O meu pé de laranja lima*, lançado em 1968, foi o romance brasileiro infanto-juvenil mais vendido de todos os tempos, contando com mais de 100 edições publicadas. Com viés autobiográfico, narra as aventuras do menino Zezé em meio a um ambiente de pobreza e rejeição. Apesar das críticas sobre seu valor literário, resultou

UNESPAR/FAP - Curitiba/PR  
ISSN 2317-8930

em vários desdobramentos midiáticos: revistas em quadrinhos, três novelas e duas versões fílmicas.

A primeira adaptação fílmica da obra foi dirigida e estrelada por Aurélio Teixeira e lançada no Brasil em meados de 1970 (fig.1). Nesse ano foi o filme brasileiro mais visto nos cinemas brasileiros; campeão de bilheteria, arrecadou acima de 4 milhões de cruzeiros – um recorde de arrecadação para os padrões da época. Considerado pela crítica especializada como um “melodrama barato”, o filme conseguiu sensibilizar um público expressivo no Brasil e no exterior. A diegese muito próxima da versão literária, trata da vida do menino Zezé vivendo em um ambiente de extrema pobreza no Brasil dos anos 1920. Zezé, então com seis anos de idade, mora com o pai desempregado, a mãe e mais quatro irmãos na periferia da cidade e passa o tempo fazendo traquinagens, trabalhando como engraxate e conversando com seu melhor amigo “Minguinho” – uma árvore de laranja lima (fig.2) –, até conhecer o português Manoel Valadares por quem desenvolve um afeto especial, apesar da diferença de idade entre eles.

Fig.1 – Cartaz do filme de 1970



Fonte: Disponível na rede

Fig.2 – Zezé e Minguinho -Frame do filme



Fonte: disponível na rede

Essa primeira versão fílmica apresenta um viés melodramático na relação pai/filho, na manifestação e encenação dos sentimentos, ressaltando os valores patriarcais – a relação da paternidade e os elementos da família patriarcal – assim como

as relações de poder, resultando na representação do protagonista Zezé como a criança-herói a partir da conceituação de Carl Jung e Karl Kerényi.

Jung (2011), caracteriza a criança-herói pela fragilidade aparente, a qual demonstra um poder superior para vencer as adversidades de forma a triunfar frente a todos os inimigos muito mais fortes e poderosos do que ela. Desse modo, essa criança se torna especial desde o nascimento, mudando o cotidiano de todos que a cercam.

O roteiro da primeira versão filmica de *O meu pé de laranja lima* foi escrito por José Mauro de Vasconcelos, Aurélio Teixeira e Braz Chediak. Foi também Vasconcelos que se viu no menino Júlio Cesar Cruz e o escolheu para representar o menino Zezé de sua infância. As características físicas e a desenvoltura de Júlio Cesar eram perfeitas para criar empatia com o público, que logo se identificou com as mazelas da criança sofrida da tela (Fig.3). São as mesmas características que permitem a aproximação da personagem com o arquétipo de criança-herói, seguindo a caracterização de Jung, Kerényi e Campbell.

Fig. 3 – Zezé Luiz – frame do filme de 1970

UNESPAR/FAP - Curitiba/PR  
ISSN 2317-8930



*Fonte: Disponível na rede*

Como já postulado, Jung (2002, p.169), acredita que a criança-herói nasce em meio a adversidade, acrescenta ainda que nada no mundo dá as boas-vindas a este novo nascimento, mas “apesar disso ele é o fruto mais precioso e prenhe de futuro da própria natureza originária; significa em última análise um estágio mais avançado da autorealização” (JUNG, 2002, p.169). Em uma análise mais aprofundada pode-se observar essa característica no personagem Zezé à medida em que ele nasce como o quarto filho de uma família que vivencia um momento de fragilidade econômica e financeira, que não tem como garantir o sustento das crianças mais velhas. Assim, Zezé cresce em meio a adversidade, perambulando sozinho pela cidade sem que a família note suas ausências a menos que ele faça alguma traquinagem pela qual é severamente punido. O viés autobiográfico, contrapõe as adversidades do menino às conquistas do escritor, que apesar de todas as dificuldades conseguiu tornar-se um vencedor, potencializando o aspecto da esperança em um futuro melhor. Para Jung, um aspecto fundamental do motivo da criança é seu caráter futuro,

A criança é o futuro em potencial. Por isso, a ocorrência do motivo da criança na psicologia do indivíduo significa em regra geral uma antecipação de desenvolvimentos futuros, mesmo que pareça tratar-se à primeira vista de uma configuração retrospectiva. A vida é um fluxo, um fluir para o futuro e não um dique que estanca e faz refluir. (JUNG, 2011, p. 127).

UNESPAR/FAP - Curitiba/PR  
ISSN 2317-8930

O filósofo assegura ainda que “Criança” significa algo que se desenvolve rumo à autonomia. Ela não pode tornar-se sem desligar-se da origem: o abandono é pois uma condição necessária, não apenas um fenômeno secundário (2002, p.169). Zezé da mesma forma vivencia um abandono afetivo, levando-se em conta que a mãe trabalha o dia inteiro como operária em uma fábrica, chegando cansada em casa sem tempo para dar atenção a ele. Da mesma forma, o pai passa o dia de pijama em casa em estado depressivo. Sem atenção, ou quem se ocupe dele, a criança passa grande parte do tempo sozinha. Embora tenha apenas seis anos de idade, cuida de Luís, o irmão de quatro anos, e anda desacompanhado por toda a cidade, a mercê de condições onde é exposto a perigos diversos. Na falta de um amigo mais próximo desenvolve uma afetividade com uma árvore, com o qual conversa e recebe conselhos sobre como se portar. Uma situação inesperada proporciona o encontro dele com o português Manoel Valadares, um homem adulto, por quem Zezé sente um afeto especial, mantendo essa amizade em segredo e saindo às escondidas para se encontrar com o novo amigo. O personagem Manoel Valadares representa a figura de um vencedor: rico, bem sucedido, educado e dono do carro dos sonhos de Zezé (fig. 4 e 5).

*Fig. 4 e 5 – Zezé com o português Manoel Valadares – Frames do filme de 1970*



*Fonte: Imagens disponíveis na rede*

UNESPAR/FAP - Curitiba/PR  
ISSN 2317-8930

Paralelamente, o relacionamento de Zezé com o pai é paradoxal. Embora o menino perceba essa figura paterna como um derrotado, demonstra que o ama em várias cenas, e chora ao se sentir culpado por desprezá-lo. Apesar das agressões físicas a afetividade de Zezé pontua a narrativa e é retribuída (Fig.6 e 7).

*Fig. 6 e 7 – Zezé com o pai – Frames do filme de 1970*



*Fonte: imagens disponíveis na rede*

Outro aspecto observado por Jung (2002) – além da adversidade e do abandono – é a tendência da criança-herói de se destacar culturalmente em meio as outras crianças: “Não raro, há figuras de criança que são portadoras de cultura e por isso identificadas com fatores que promovem a cultura” (JUNG, 2002, p.170). Essa característica também é revelada por Zezé, o qual precoce e inteligente, aprende a ler sozinho aos seis anos de idade e por conta disso é aceito adiantado na escola. Embora seja o próprio responsável por seu desenvolvimento, à medida que a narrativa se desenvolve, Zezé promove com suas ações o desenvolvimento dos outros personagens, caracterizando-se assim como uma criança-herói. Zezé vivencia esse caminho cheio de



UNESPAR/FAP - Curitiba/PR  
ISSN 2317-8930

dificuldades, contudo necessário para a valorização do seu triunfo. Sobre os perigos e adversidades aos quais a criança-herói está exposta Karl Kerényi (2011. p. 49), aponta que:

A criança divina é na maioria dos casos, uma criança abandonada e, muitas vezes, ameaçada por perigos extraordinários: [...]. Por outro lado, esses perigos não são algo surpreendente, mas característicos de um mundo titânico, do mesmo modo que as desavenças e ardis fazem parte dos mitologemas antigos. (JUNG, 2011. p. 49).

As situações mencionadas acima por Kerényi, podem ser identificadas nas cenas em que Zezé enfrenta o inimigo do irmão mais velho Totoca e briga no lugar dele com um menino bem maior e mais forte que ele (Fig. 8). Embora visto como frágil e vulnerável, Zezé é conhecido pelas outras crianças como destemido e brigador, ele não teme o perigo e se faz respeitar frente as outras crianças. Esta impressão de fragilidade que seus oponentes enxergam nele acaba lhe favorecendo (como elemento surpresa), em sua “reação poderosa e inesperada aos perigos e dificuldades que enfrenta”, conforme comenta Jung:

Chama a atenção o paradoxo presente em todos os mitos da criança pelo fato de ela estar entregue e indefesa frente a inimigos poderosíssimos, constantemente ameaçada pelo perigo da extinção, mas possuindo forças que ultrapassam muito a medida humana. Esta afirmação se relaciona intimamente com o fato psicológico de a “criança” ser “insignificante” por um lado, isto é, desconhecida, “apenas” uma criança, mas, por outro, divina. (JUNG, 2002, p. 171).

*Fig. 8 – Zezé brigando – frame do filme de 1970*

UNESPAR/FAP - Curitiba/PR  
ISSN 2317-8930



Fonte: Disponível na rede

Embora Zezé se mostre forte para enfrentar os perigos que o rondam, ele também oferece uma dicotomia a medida em que deixa transparecer seu lado frágil, afinal ele é uma criancinha que chora, quando não consegue mesmo trabalhando durante todo o dia do natal, dinheiro suficiente para comprar um presentinho para o irmãozinho. Essa dualidade é também uma das características elencadas por Jung para compor o arquétipo da criança-herói:

O tema menor do que pequeno e no entanto maior do que grande complementa a impotência da “criança” com seus feitos igualmente maravilhosos. Este paradoxo pertence à essência do herói e perpassa como um fio vermelho todo o seu destino. Ele enfrenta o maior perigo, mas no entanto sucumbe a algo insignificante. (JUNG, 2011, p. 130).

A alternância entre força e fragilidade fica presente o tempo todo na narrativa, desde o figurino composto: por roupas velhas e rasgadas, um sapatinho velho, ou na maior parte das vezes nenhum, até o fato de uma criança de seis anos trabalhar como engraxate para contribuir com seus parcos rendimentos no orçamento doméstico (fig.9 e 10).

Fig. 9 e 10 – Zezé como engraxate/Zezé chorando – Frames do filme de 1970

UNESPAR/FAP - Curitiba/PR  
ISSN 2317-8930



*Fonte: Imagens disponíveis na rede*

Para Jung (2002), a criança-herói é sempre dotada de um poder superior e que se impõe inesperadamente, apesar de todos os perigos:

A 'criança' nasce do útero do inconsciente, gerada no fundamento da natureza humana, ou melhor, da própria natureza viva. É uma personificação de forças vitais, que vão além do alcance limitado da nossa consciência, dos nossos caminhos e possibilidades, desconhecidos pela consciência e sua unilateralidade, e uma inteireza que abrange as profundidades da natureza. Ela representa o mais forte e inelutável impulso do ser, isto é, o impulso de realizar-se a si mesmo. (JUNG, 2002, p.171).

Esse poder superior se manifesta em Zezé durante a narrativa, a qual revela que ele é um lutador, diferente das outras crianças, ele se mostra preocupado com o bem estar dos outros, e, tenta de várias maneiras ajuda-los. Paralelamente à esta força, ele está em constante vulnerabilidade, mesmo a amizade que mantém em segredo com o 'português' seria vista como uma ameaça na atualidade, uma vez que o relacionamento

UNESPAR/FAP - Curitiba/PR  
ISSN 2317-8930

da criança com um homem adulto, desconhecido da família, que o leva a passear de carro e passa bastante tempo em sua companhia seria considerada imprópria nos dias atuais.

A trama busca potencializar o melodrama ao intensificar os sofrimentos de Zezé, o qual passa o natal sem ganhar presentes, e se vê obrigado a se desfazer de seu único brinquedo para que Luís, não fique também sem presente. Zezé cuida, brinca e conversa com Luís, que também é ostensivamente negligenciado pelo núcleo familiar (Fig.11).

Fig.11 – Zezé cuidando de Luís – Frame do filme de 1970



*Fonte: imagem disponível na rede*

Para Campbell (2007) também o herói de uma narrativa não é um ser comum, mas um ser que está predestinado a grandes feitos, aquele que enfrenta os perigos desde a infância:

Toda a vida do herói é apresentada como uma grandiosa sucessão de prodígios, da qual a grande aventura central é o ponto culminante. Isto está de acordo com a concepção segundo a qual a condição de herói é algo a que se está predestinado, e não algo simplesmente alcançado, envolvendo o problema

UNESPAR/FAP - Curitiba/PR  
ISSN 2317-8930

concernente à relação entre biografia e caráter. (CAMPBELL, 2007, p. 310-311).

Assim, Jung (2011) defende que o ato principal do herói é vencer o monstro da escuridão “A vitória esperada da consciência sobre o inconsciente. Dia e luz são sinônimos da consciência, noite e escuridão, do inconsciente. A tomada de consciência é provavelmente a experiência mais forte dos tempos primordiais, pois é a partir dela que se fez o mundo, de cuja existência ninguém suspeitava antes (JUNG, 2011, p. 130). O ‘monstro da escuridão’ também se materializa para Zezé e o leva a vivenciar um ritual de passagem, por meio do trauma sofrido com a morte do amigo português Zezé entra em um estado febril e perde a vontade de viver. Ele passa vários dias lutando para sair da agonia da morte. O trauma modifica seu comportamento e sua visão de mundo, Zezé acorda mais maduro e triste, perdendo o encantamento de criança, se caracterizando mais uma vez como o herói em seu retorno, portador da dádiva do autoconhecimento.

Jung, defende que essas crianças especiais surgem em suas famílias para operar uma transformação em seu seio familiar: “Como portadoras de luz, ou seja, amplificadoras da consciência, essas figuras de criança vencem a escuridão, ou seja, o estado inconsciente anterior. Uma consciência mais elevada, ou um saber que ultrapassa a consciência atual, é equivalente a estar sozinho no mundo.” (JUNG, 2002, p. 170). Da mesma maneira, a precocidade de Zezé vai aos poucos transformando o dia a dia de sua família e de sua comunidade. Ele consegue fazer a ligação com todos os outros personagens e dessa maneira interferir no crescimento pessoal de cada um deles, se caracterizando paulatinamente dentro do conceito de criança-herói.

Do mesmo modo que entendemos que o Zezé da adaptação de 1970 se enquadra perfeitamente nas características de criança-herói, também acreditamos que o personagem Zezé como é representado na versão de 2012 não se caracteriza como criança-herói, mas sim como criança vitimizada pela violência familiar e social.

UNESPAR/FAP - Curitiba/PR  
ISSN 2317-8930

### **A identificação do personagem Zezé como a criança vitimizada na adaptação fílmica de 2012**

A segunda versão fílmica de *O meu pé de laranja lima*, foi dirigido por Marcos Bernstein e lançado no exterior em 2012, chegando aos cinemas brasileiros no início de 2013, depois de ter recebido vários prêmios no exterior (fig.12). A infância aqui representada não é a da fantasia, e, se distancia da construção da criança-herói, ao passo que, se aproxima da denúncia social da criança marginalizada, vitimizada pela família e pela sociedade, caracterizando o drama.

Fig. 12 e 13 – Cartazes de divulgação do filme de 2012/João Guilherme Ávila



Fonte: imagens disponíveis na rede

Ambientado na atualidade, o filme trabalha com temporalidades amalgamadas: ao mesmo tempo que o narrador autobiográfico faz a abertura na atualidade, os *flashbacks* da infância também remetem a contemporaneidade, com o uso de elementos contemporâneos como o dinheiro em reais e cd's musicais. A história é contada de forma semelhante, o menino Zezé vive com sua família na periferia de uma cidade do interior, convive com o pai desempregado, com a mãe que trabalha como operária em uma fábrica e com mais quatro irmãos. Toda a família é sustentada com o salário de

UNESPAR/FAP - Curitiba/PR  
ISSN 2317-8930

operária da mãe, contudo a família tem mesa farta e Zezé exibe um figurino bem variado.

Nessa versão Zezé é representado por João Guilherme Ávila (fig. 13), e o português Manoel Valadares por José de Abreu (Fig.14). Diferente da anterior, nessa leitura o menino Zezé é uma criança robusta de dez anos de idade. Zezé, apesar de sofrer com as surras da mãe, do pai e dos irmãos mais velhos, não aparenta a fragilidade que caracteriza a criança-herói, também não é visto como corajoso e brigador pelos outros meninos, mas sim como vítima de *bulling*.

*Fig. 14 – Zezé e o português Manoel Valadares - frame do filme de 2012*



*Fonte: imagens disponíveis na rede*

Agora o ambiente familiar é redesenhado como opressor e a figura do pai faz um contraponto entre o pai educador da versão de 1970 e o pai abusivo da versão atual. O personagem do pai de Zezé – representado pelo ator Eduardo Dascar – passa o dia nos bares bebendo, espanca os filhos e não demonstra afetividade por Zezé até a cena final. Ele também rouba o dinheiro do menino e não se importa que o filho trabalhe como engraxate e como camelô vendendo cd's nas ruas. Outro aspecto que diferencia e

UNESPAR/FAP - Curitiba/PR  
ISSN 2317-8930

distancia as duas narrativas fílmicas é a falta de ligação e afetividade de Zezé com a figura do pai, o menino diz repetidamente odiar o pai e em uma das cenas o imagina morto, revelando um desejo de libertação da figura opressora do patriarca.

Da mesma forma o personagem do português Manoel Valadares é mostrado de forma grotesca, gritando e falando palavrões, versão bem diferente do personagem representado por Aurélio Teixeira na versão anterior. Se o personagem de 1970, usava terno, era fino e educado, o personagem de 2012 apresenta-se sujo de tinta vermelha e com olhares grotescos (fig. 15, 16, 17 e 18).

*Fig.15 – Zezé e Manoel Valadares – filme de 1970*



*Fig.16 – Zezé e Manoel Valadares – frame 2012*



*Fonte: imagens disponíveis na rede*

*Fig.17 –Manoel Valadares apresentado de forma grotesca – frame do filme de 2012*





UNESPAR/FAP - Curitiba/PR  
ISSN 2317-8930

*Fonte: imagens disponíveis na rede*

*Fig.18 –Manoel Valadares apresentado de forma grotesca – frame do filme de 2012*



*Fonte: imagens disponíveis na rede*

O Zezé da atualidade também não se comporta como criança-herói, pois a narrativa remetida aos dias atuais não mais se caracteriza como a saga do herói e sim como a representação de uma criança marginalizada e negligenciada pela família, espancada regularmente frente ao silêncio dos familiares e vizinhos. Essas afirmativas remetem a uma reflexão comparativa entre os desdobramentos cinematográficos do texto fonte, e a partir daí verifica-se que, o filme de 1970 apresentou um Brasil potencialmente rural, ambientado na década de 1920, cujos principais representantes vivenciavam um contexto de extrema pobreza, tecendo um grande painel histórico-social. No segundo filme o Brasil deixou de ser eminentemente agrícola e uma nova classe média surgiu, portanto, a representação da criança também mudou, assim como a representação da violência contra a criança. Se no contexto de 1920, a violência física contra a criança era vista como aceitável e até mesmo normal naquela sociedade, no momento atual sob o olhar do Estatuto da Criança e do adolescente - ECA, não mais se aplica. Da mesma forma que a amizade entre o menino e um homem adulto desconhecido pela família não seria vista com bons olhos na atualidade.

### **Considerações finais**

O recorte aqui selecionado permite contribuir para um entendimento mais aprofundado das obras e conseqüentemente uma apreciação mais rica dos filmes, como dois sistemas sígnicos diferenciados, mas complementares. Destaca-se também, a relevância dos estudos comparativos como forma de inter-relacionamento do campo da comunicação com suas áreas pares, no sentido de manter aberto o leque da interdisciplinaridade, acreditando-se ser necessária a reflexão acerca da linguagem do cinema e de suas relações com as políticas de representação do mundo infantil, sob o prisma de que as representações da infância feitas pelo cinema são representações culturais.

### **REFERÊNCIAS**

- BAZIN, André. **O cinema**: ensaios. São Paulo: Pensamento, 1989.
- CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 2007.
- JUNG, C. R. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- \_\_\_\_\_. & KERÉNYI, Karl. **A criança divina**: uma introdução à essência da mitologia. Petrópolis: Vozes, 2011.